



## Rm 10,5-15: tradução e impacto retórico

*Rm 10,5-15: translation and rethorical impact*

LEONARDO AGOSTINI FERNANDES <sup>a</sup>

### Resumo

As Sagradas Escrituras fascinam milhões de pessoas e sobre elas há dedicação e empenho nos estudos por parte de exegetas, teólogos bíblicos, sociólogos, antropólogos, arqueólogos etc. Enquanto alguns trabalham a partir dos textos em línguas originais (Hebraico, Aramaico e Grego), outros se valem de traduções em vernáculo. Fato é que uma tradução, por mais fiel que procure ser, de certa forma, já é uma interpretação devido à escolha da terminologia da língua de destino, a qual nem sempre é capaz de alcançar a polissemia do texto na língua original. O prólogo do livro do Eclesiástico já apontava para isso. Então, por mais que os tradutores se esforcem e procurem ser “imparciais”, existem pressupostos hermenêuticos que dificilmente são deixados de lado no ato de traduzir. Não há, por assim dizer, uma tradução totalmente objetiva. Neste sentido, o presente artigo se propõe a oferecer uma tradução segmentada de Rm 10,5-15 a partir do grego koiné com o qual foi escrito, seguida de uma análise sintático-gramatical, buscando verificar a lógica interna da terminologia empregada na elaboração das proposições, permitindo que a tradução seja a mais condizente possível com o sentido original. Além disso, o artigo submete o texto em questão, do ponto de vista metodológico, à análise retórica greco-latina e semítica, pois em Rm 10,5-15 existem várias citações e alusões a textos veterotestamentários. Acredita-se que a adoção desses procedimentos é válida para se obter uma tradução mais condizente com a língua original e com os sentidos que foram pretendidos pelo autor.

**Palavras-chave:** Bíblia. Literatura religiosa. Linguística. Metodologia. Tradução.

---

<sup>a</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia Bíblica, e-mail: laf2007@puc-rio.br

## Abstract

*The Holy Scriptures fascinate millions of people and, over them, there are dedication and efforts by exegetes, biblical theologians, sociologists, anthropologists, archaeologists, etc. While some of them work using the original language texts (Hebrew, Aramaic and Greek), others use vernacular translations. The fact is that a translation, no matter how faithful it tries to be, in a way, it is an interpretation, due to the terminological choice of the target language, which is not always able to achieve the polysemy of the text in the original language. The prologue of the book of Ecclesiasticus already pointed to this. So, as much as translators try and try to be "impartial", there are hermeneutical assumptions that are hardly left aside in the act of translating. There is not, so to speak, a complete objective translation. In this sense, the present paper proposes to offer a segmented translation of Rm 10,5-15 from the Koine Greek with which it was written, followed by a syntactic-grammatical analysis, seeking to verify the internal logic of the terminology used in the elaboration of the propositions, allowing the translation to be as consistent as possible with the original meaning. Furthermore, the article submits the text in question, from a methodological point of view to Greco-Latin and Semitic rhetorical analysis, since in Rom 10,5-15 there are several quotations and allusions to Old Testament texts. It is believed that the adoption of these procedures is valid to obtain a translation more consistent with the original language and with the meanings that were intended by the author.*

**Keywords:** Bible. Religious literature. Linguistics. Methodology. Translation.

## Introdução

No que diz respeito à tradução de textos, duas afirmações, em italiano, ficaram consagradas: *tradurre è tradire* ("traduzir é trair") e *traduttore, traditore* ("tradutor, traidor"). Elas servem de alerta para quem se dedica à tarefa de tradução, em particular de textos antigos.

Tal concepção revela os riscos da subjetividade e dos erros que podem ser cometidos em razão de diversos fatores, dentre os quais a falta de opções de vocabulário da língua de destino em relação à língua original (Eclo 15-26), muitas das vezes polissêmica, porque arcaica ou extinta, e, na pior das hipóteses, devido à negligência ou à incompetência para executar tal tarefa.

Diante disso, evoca-se a real dificuldade sobre a tradução de textos, que, sem dúvida alguma, é uma verdadeira arte e não uma simples

substituição de palavras que possam ter o mesmo significado ou equivalência semântica. A lógica interna do texto, o estilo, a função sintático-gramatical e o conhecimento morfológico não deveriam ser negligenciados na leitura e análise que são, igualmente, passos do processo de tradução.

Quando, porém, a tradução diz respeito aos textos bíblicos, não se trata só de arte sapiencial ou de conhecimento das línguas originais (Hebraico, Aramaico e Grego), bem como da língua de destino para a qual os textos serão traduzidos, mas também de familiaridade com um “documento escrito”, produzido por autores marcados pelas vicissitudes históricas da sua época e pela sua experiência de fé em um Deus-Relação. Lembrar que a Bíblia é, antes de tudo, uma literatura de índole religiosa faz redobrar a atenção.

Visto que para se realizar uma boa e correta tradução é preciso seguir regras específicas e a devida percepção quanto ao uso de recursos estilísticos e linguísticos-comunicativos. Para se traduzir um texto bíblico é necessário que o tradutor assuma a postura de respeito pelo escrito, que é considerado sagrado por milhões de pessoas por acreditarem na sua origem divina.

Por certo, o tradutor não precisa ser religioso, ter ou professar a fé judaico-cristã, mas a sensibilidade e o profissionalismo não podem faltar, ou serem esquecidos, em função da natureza específica dessa literatura.

A Bíblia é o “livro” mais traduzido, vendido e lido no mundo. Frente a esta afirmação, quase de imediato, surge uma questão: Que elementos, nos tempos atuais, justificariam novas traduções da Bíblia? Esta dúvida não é periférica ou acidental, mas central e essencial, pois frequentemente uma nova tradução da Bíblia é lançada por alguma editora, seja confessional ou leiga. Além disso, várias traduções, já existentes e há muito em voga, às vezes passam por revisões, ampliações e correções devido às descobertas de novos manuscritos de textos bíblicos e graças ao progresso da arqueologia realizada no Antigo Oriente Próximo, em particular na região do Levante.

O presente artigo, considerando o acima exposto, propõe uma tradução segmentada de Rm 10,5-15, a partir do texto grego presente na 28ª edição de Nestle-Aland (2018), seguida da análise dos períodos e da verificação da retórica greco-latina e semítica presentes no texto. Por meio desses procedimentos, espera-se evidenciar a correlação que existe entre tradução e hermenêutica, buscando a “intenção do autor” pelo estilo e critérios adotados no escrito.

## Tradução segmentada e análise dos períodos

A interpretação e compreensão de Rm 10,5-15 sob o prisma da retórica greco-latina não é novidade, mas nem sempre os estudos mostram ou oferecem uma devida atenção quanto ao uso da gramática, da sintaxe e da dialética, sob a prévia tradução segmentada e a análise dos períodos.

Além disso, visto que Paulo foi judeu e recebeu uma devida formação farisaica (At 22,3; Gl 1,13-14)<sup>2</sup>, torna-se igualmente relevante, para ampliar a compreensão, verificar de que forma os elementos da retórica semítica estão presentes em Rm 10,5-15.

### Rm 10,5

Μωϋσῆς γὰρ γράφει τὴν δικαιοσύνην	5αα	Moisés, de fato, descreve a justiça,
τὴν ἐκ [τοῦ] νόμου	5αβ	a saída [da] Lei,
ὅτι	5β	porque:
ὁ ποιήσας αὐτὰ ἄνθρωπος	5αα	<i>o ser humano, que os pratica,</i>
ζήσεται ἐν αὐτοῖς.	5αβ	<i>viverá neles.</i> <sup>3</sup>

<sup>2</sup> Paulo diz que nasceu em Tarso, mas foi nutrido em Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel (At 22,3), mas isso não exclui a notável influência que a importante cidade de Tarso deve ter exercido sobre Paulo e a sua formação, sem a qual seria difícil justificar a sua sensibilidade sobre a fenomenologia humana de cunho helenístico, próxima ao pensamento de Aristóteles. Nesse sentido, Paulo é um ponto de intercessão entre a riqueza judaica e a cultura helenística (VANNI, 1994, p. 17-29).

<sup>3</sup> Na tradução, estará em itálico o que for considerado citação ou alusão explícita do Antigo Testamento.

A conjunção subordinada (γάρ), justaposta entre o sujeito no nominativo (Μωϋσῆς), que abre a proposição, e o verbo transitivo direto, no indicativo presente ativo na terceira pessoal do singular (γράφει), permitem aludir à prévia afirmação contida em Rm 10,4 e endossam o sentido da nova informação<sup>4</sup>, presente no complemento formado com o artigo no acusativo feminino singular (τήν), que define o substantivo no acusativo feminino singular (δικαιοσύνην).

Esta justiça, porém, recebe complementos e é retomada pelo artigo no acusativo feminino singular (τήν) e por uma informação ulterior pelo uso do adjunto adnominal restritivo, especificando a proveniência através da preposição que pede genitivo (ἐκ), e que antecede ao substantivo masculino no genitivo singular (νόμου). Com isso, evidencia-se o desejado nos dois primeiros seguimentos: atestar que existe uma justiça que deriva da lei. Moisés, desse modo e pelo verbo usado, não poderia ser tomado como origem dessa justiça.

No seguimento v. 5b, uma nova conjunção subordinada (ὅτι) introduz uma proposição com sentido explicativo em relação à anterior<sup>5</sup>. Essa proposição é formada por um artigo no nominativo masculino singular (ὁ) e um verbo no particípio aoristo no nominativo masculino singular (ποιήσας) com valor de adjetivo unido ao objeto direto da proposição anterior, a qual foi retomada pelo pronome pessoal neutro no acusativo plural (αὐτὰ).

Além disso, o particípio qualifica o substantivo no nominativo masculino singular (ἄνθρωπος), que, por sua vez, é o sujeito do verbo no indicativo futuro médio na terceira pessoa do singular (ζήσεται), cujo complemento indireto está referido no pronome dativo neutro plural (ἐν αὐτοῖς). Este pronome refere-se às prescrições e juízos de Lv 18,5.

---

<sup>4</sup> A conjunção subordinada γάρ cumpre uma dupla função ao mostrar a explicação ou a causa para o elemento precedente (PRIDIK, 2005, colunas 716-718).

<sup>5</sup> Em geral, a conjunção subordinada ὅτι possui uma função explicativa quando não segue a um verbo (PRIDIK, 2005, colunas 617-618).

Nota-se, então, que os substantivos definidos *a justiça* (τὴν δικαιοσύνην) e o *ser humano* (ὁ ... ἄνθρωπος) são especificados por seus complementos. Desse modo, não se alude a qualquer justiça, mas à *saída da lei* (ἐκ νόμου). Não é qualquer ser humano que viverá, mas o *que a pratica* (ὁ ποιήσας αὐτὰ ἄνθρωπος), pois obedece ao seu conteúdo, referido na locução preposicionada seguida do pronome neutro plural no dativo: *neles* (ἐν αὐτοῖς).

Por essa análise, desponta uma nova informação que condiz com a ação de Moisés, sujeito da fala inicial que pode ser considerado o *ser humano que pratica a justiça da lei e que vive pelo que ela contém*. Moisés, assim, desponta como quem prescreveu ao povo o que pessoalmente experimentou.

### Rm 10,6

ἡ δὲ ἐκ πίστεως δικαιοσύνη	6αα	Mas, sobre a justiça saída da fé,
οὕτως λέγει·	6αβ	assim diz:
μὴ εἴπῃς ἐν τῇ καρδίᾳ σου·	6b	<i>Não digas em teu coração:</i>
τίς ἀναβήσεται εἰς τὸν οὐρανόν;	6c	<i>Quem subirá ao céu?</i>
τοῦτ'	6da	Isto é,
ἔστιν Χριστὸν καταγαγεῖν·	6dβ	faz Cristo descer!

O novo período, por meio de uma conjunção coordenada (δέ), assumida com sentido adversativo, prossegue com a argumentação pelo artigo feminino no nominativo singular (ἡ) e pelo substantivo feminino no nominativo singular (δικαιοσύνη), especificado quanto à sua origem por meio da preposição que pede genitivo (ἐκ), indicada no substantivo feminino singular no genitivo (πίστεως). Nesse sentido, é oferecida uma novidade, quanto ao tema da justiça, em relação ao versículo anterior que falou da *justiça saída da lei*.

A base dessa informação vem do verbo no presente ativo na terceira pessoa do singular (λέγει), anteposto por um advérbio (οὕτως), cujo sujeito continua sendo Moisés, ainda que oculto, pois prossegue a sua fala sobre a

justiça. Além de intensificar a ação, esse advérbio encaminha os três períodos que se seguem, fundamentando a proposição introduzida pela conjunção coordenada (δὲ), com valor adversativo no primeiro seguimento.

A primeira proposição subsequente está formulada por uma partícula de negação (μὴ) e está flexionada pelo verbo no subjuntivo aoristo ativo na segunda pessoa do singular (εἴπῃς), construída com uma locução preposicionada (ἐν), pela qual o substantivo feminino no nominativo singular (καρδίᾳ), determinado por artigo no nominativo feminino singular (τῆ), recebe uma derivação restritiva pelo pronome pessoal no genitivo singular (σου).

Por meio deste pronome, com valor de possessivo, o sujeito “oculto” (Moisés) entra em relação com um interlocutor indeterminado, indicado através do pronome interrogativo no nominativo singular (τίς). Este, por sua vez, é o sujeito do verbo intransitivo no indicativo futuro médio na terceira pessoa do singular (ἀναβήσεται), seguido de uma preposição no acusativo (εἰς) e de um substantivo no masculino singular no acusativo (οὐρανόν), definido por artigo no acusativo masculino singular (τὸν) com função de adjunto adverbial de lugar.

O sentido da proposição na interrogativa avia-se através de um pronome demonstrativo neutro singular (τοῦτ’) que introduz a nova proposição formada por três elementos: um verbo no indicativo presente ativo na terceira pessoa do singular (ἔστιν), sem sujeito explícito, mas que exige um complemento direto, formulado por um substantivo no acusativo masculino singular (Χριστὸν), que, por sua vez, é o sujeito do verbo no infinitivo aoristo (καταγαγεῖν).

*Rm 10,7*

ἢ·	7αα	E ainda:
τίς καταβήσεται εἰς τὴν ἄβυσσον;	7β	<i>Quem descera ao abismo?</i>
τοῦτ’	7αα	Isto é,
ἔστιν Χριστὸν ἐκ νεκρῶν ἀναγαγεῖν.	7αβ	faz Cristo subir dos mortos!

Por meio de uma conjunção coordenada com função aditiva, o conteúdo do presente versículo é coligado ao anterior (ἢ). Na sequência, um pronome interrogativo masculino no nominativo singular (τίς) é o sujeito do verbo transitivo no indicativo futuro médio na terceira pessoa do singular (καταβήσεται), seguido de preposição no acusativo (εἰς) e de um substantivo no feminino acusativo singular (τὴν ἄβυσσον), definido por artigo no feminino acusativo singular (τὴν) também com função de adjunto adverbial de lugar.

Da mesma forma que no versículo anterior, o sentido da nova proposição interrogativa é apresentado através de um pronome demonstrativo no neutro singular (τοῦτ’). Este pronome introduz uma proposição ampla, formada por cinco elementos: um verbo no indicativo presente ativo na terceira pessoa do singular (ἔστιν) sem sujeito explícito, mas que exige um complemento direto (indireto na tradução) formulado por um substantivo no acusativo masculino singular (Χριστὸν). Este, por sua vez, assume a função de sujeito do verbo no infinitivo aoristo ativo (ἀναγαγεῖν), antecedido por uma locução preposicionada no genitivo (ἐκ), seguida de um adjetivo no masculino genitivo plural (νεκρῶν).

*Rm 10,8*

ἀλλὰ τί λέγει;	8αα	Mas, o que diz?
ἐγγύς σου τὸ ῥῆμά ἐστιν	8βα	<i>A palavra está próxima de ti,</i>
ἐν τῷ στόματί σου	8ββ	<i>na tua boca</i>
καὶ ἐν τῇ καρδίᾳ σου,	8βγ	<i>e no teu coração.</i>
τοῦτ' ἐστὶν τὸ ῥῆμα τῆς πίστεως	8αα	Esta é a palavra da fé
ὃ κηρύσσομεν.	8αβ	que anunciamos.

Uma conjunção coordenada com função adversativa (ἀλλὰ) abre um novo período formado por um pronome interrogativo no neutro acusativo singular (τί), sujeito do verbo no indicativo ativo na terceira pessoa do singular (λέγει). Na sequência, essa interrogação recebe a devida resposta por três proposições contendo quatro adjuntos adnominais restritivos.

A primeira proposição é complexa e, para criar ênfase, contém três dos quatro adjuntos adnominais restritivos: de pessoa e de instrumento. Essa proposição está formulada por uma locução preposicionada no genitivo (ἐγγύς) seguida de um pronome também no genitivo (σου), que, por precederem, acrescentam sentido ao sujeito, que está formado por um artigo no nominativo neutro singular e por um substantivo no nominativo neutro singular (τὸ ῥῆμά) do verbo no indicativo ativo na terceira pessoa do singular (ἐστὶν).

Duas informações adicionais oferecem um desdobramento para o sujeito (τὸ ῥῆμά) e para a segunda pessoa do singular presente no pronome pessoal no genitivo (σου). Ambas são formadas por uma locução preposicionada no dativo (ἐν), seguida de dois substantivos respectivamente no dativo neutro singular (στόματι), precedidos de artigo no dativo neutro singular (τῷ) e no dativo feminino singular (καρδίᾳ), também precedido de artigo no dativo feminino singular (τῇ). Pela sequência, também funcionam como adjunto adverbial de instrumento. As duas informações estão

vinculadas pelo pronome na segunda pessoa singular no genitivo (σου) e, entre elas, por meio de uma conjunção aditiva (καί).

A segunda proposição é iniciada por um pronome demonstrativo no neutro singular (τοῦτ'), sujeito do verbo no indicativo ativo na terceira pessoa do singular (ἔστιν), cujo predicativo é um substantivo no nominativo neutro singular (ῥῆμα), precedido de artigo no nominativo neutro singular (τὸ); segue especificado por uma construção no substantivo genitivo feminino singular (πίστεως), igualmente precedido por artigo no genitivo feminino singular (τῆς). Aqui se encontra o quarto adjunto adnominal restritivo, que, no caso, é de matéria.

Enfim, a terceira proposição se liga à anterior através do pronome relativo no acusativo neutro singular (ὃ). Este pronome é o objeto para o verbo conjugado na primeira pessoa plural do indicativo ativo (κηρύσσομεν). Nessa voz verbal se encontra o sujeito implícito (“nós”).

### *Rm 10,9*

ὅτι	9aa	Porque,
ἐὰν ὁμολογήσης ἐν τῷ στόματί σου	9ba	se confessares com a tua boca:
κύριον Ἰησοῦν	9bβ	Senhor [é] Jesus
καὶ πιστεύσης	9ca	e creres,
ἐν τῇ καρδίᾳ σου	9cβ	em teu coração,
ὅτι ὁ θεὸς αὐτὸν ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν,	9da	que Deus o fez sair dos mortos,
σωθήσῃ·	9ea	serás salvo!

O período é aberto por uma conjunção subordinada (ὅτι), com a qual a argumentação prossegue. Essa conjunção pode indicar a causa ou a razão do que foi dito anteriormente, mas possui um tom quase conclusivo (“portanto”). Através de cinco proposições, que estão encadeadas de forma coordenada ou subordinada, algo de novo foi acrescentado, a fim de que algumas atitudes sejam provocadas e desencadeadas nos interlocutores aos quais se dirige a fala.

A primeira atitude está formulada por uma conjunção subordinada que expressa uma condicional (ἐάν), razão pela qual o verbo transitivo indireto está conjugado no subjuntivo aoristo ativo na segunda pessoa do singular (ὁμολογήσης), completado por um adjunto adverbial de instrumento pelo uso da preposição no dativo (ἐν) e pelo substantivo no dativo neutro singular (στόματί), precedido de artigo no dativo neutro singular (τῷ), referido a um interlocutor explicitado pelo pronome no genitivo masculino singular (σου). Já o complemento direto está formulado por dois substantivos no acusativo masculino singular (κύριον Ἰησοῦν), que funcionam, inclusive, como uma frase nominal com valor declarativo.

Segue-se então uma nova atitude, formulada por uma proposição coordenada, a qual é formada por uma conjunção aditiva (καί), com um verbo transitivo direto no subjuntivo aoristo ativo na segunda pessoa do singular (πιστεύσης), o qual é seguido por uma preposição no dativo (ἐν), por um artigo no dativo singular (τῆ) e por um substantivo feminino no dativo singular (καρδίᾳ), referidos ao interlocutor explicitado por um pronome pessoal no genitivo masculino singular (σου) com função de adjunto adverbial de instrumento.

A terceira atitude é formulada por uma proposição composta de uma conjunção subordinada (ὅτι), que introduz um novo sujeito no nominativo singular (ὁ θεός), e por um verbo transitivo no indicativo aoristo na terceira pessoa do singular (ἤγειρεν), cujo objeto direto encontra-se no pronome pessoal no acusativo singular (αὐτόν). Este se refere ao complemento direto do seguimento v. 9ββ (κύριον Ἰησοῦν). A oração reduzida de infinitivo desdobra-se por meio de uma preposição no genitivo (ἐκ) seguida de um adjetivo no genitivo (νεκρῶν), que, pela lógica interna, remete ao seguimento v. 7cβ (ἔστιν Χριστὸν ἐκ νεκρῶν ἀναγαγεῖν).

A última proposição é formada por um verbo indicativo futuro passivo na segunda pessoa do singular (σωθήσῃ). Esta ação relaciona-se com a

conjunção subordinada que abriu o versículo. Por isso, como dito, pode ser assumida com sentido conclusivo (ὅτι...σωθήση).

### *Rm 10,10*

καρδία γὰρ	10aα	Com o coração, de fato,
πιστεύεται εἰς δικαιοσύνην,	10aβ	se crê para a justiça.
στόματι δὲ	10bα	Com a boca, porém,
ὁμολογεῖται εἰς σωτηρίαν.	10bβ	se confessa para a salvação.

Duas novas proposições são introduzidas por substantivos no dativo com função de adjunto adverbial de instrumento seguidos de uma conjunção coordenada (γὰρ) e (δὲ). O primeiro é um substantivo comum no dativo singular (καρδία), que reevoca três seguimentos anteriores (v. 6b; v. 8bγ; v. 9cβ). O segundo é também um substantivo comum no dativo singular (στόματι), que reevoca dois seguimentos anteriores (v. 8bβ; v. 9bα). Em virtude da relação que se quis criar entre esses dois substantivos, compreende-se o uso diferenciado das conjunções empregadas.

As duas ações verbais estão no indicativo presente passivo na terceira pessoa singular, cujo sujeito, embora indeterminado, tem a ver com a referência ao ἄνθρωπος do seguimento v. 5cβ. A primeira (πιστεύεται) e a segunda (ὁμολογεῖται) ações estão elaboradas com a mesma preposição no acusativo (εἰς) seguidas de um substantivo feminino comum no acusativo singular (δικαιοσύνην e σωτηρίαν). Um sentido de finalidade subjaz ao uso dessa preposição, razão pela qual funciona como um adjunto adverbial de finalidade. As ações, de cunho interno e externo, condizem com os órgãos humanos aos quais foram associadas.

### *Rm 10,11*

λέγει γὰρ ἡ γραφή·	11a	Diz, de fato, a Escritura:
πᾶς ὁ πιστεύων ἐπ' αὐτῷ	11b	Todo o que crê nele
οὐ κατασχυνθήσεται.		não será envergonhado!

A proposição simples inicia com o verbo no indicativo presente ativo na terceira pessoa do singular (λέγει), seguida de conjunção coordenada (γὰρ),

e do sujeito formado pelo artigo no nominativo feminino singular (ἡ) e pelo substantivo comum no nominativo feminino singular (γραφῆ).

A conjunção liga o conteúdo com v. 10 e reforça a exigência do complemento verbal, formulado na proposição ulterior, contendo sete elementos: sujeito composto, formado por um adjetivo no nominativo masculino singular (παῖς); por artigo no nominativo masculino singular (ὁ); e pelo verbo no particípio presente masculino singular (πιστεύων) seguido de uma preposição no dativo masculino singular (ἐπ') e um pronome no dativo masculino singular (αὐτῷ), tendo como predicado a partícula adverbial de negação (οὐ) e o verbo no indicativo futuro passivo na terceira pessoa do singular (καταισχυνθήσεται).

### *Rm 10,12*

οὐ γάρ ἐστιν διαστολή	12αα	Não há, de fato, distinção
Ἰουδαίου τε καὶ Ἑλλήνος,	12αβ	entre judeu e grego.
ὁ γὰρ αὐτὸς	12βα	Ele mesmo, de fato,
κύριος πάντων,	12ββ	[έ] Senhor de todos,
πλουτῶν εἰς πάντα	12ca	[έ] rico para todos
τοὺς ἐπικαλουμένους αὐτόν·	12cβ	os que o invocam.

O primeiro período inicia com uma partícula adverbial de negação (οὐ), seguida da conjunção coordenada (γάρ) do verbo de ligação no indicativo presente ativo na terceira pessoa do singular (ἐστιν)<sup>6</sup> e do substantivo no nominativo feminino comum singular na função de predicativo (διαστολή) de um sujeito oculto, ou indeterminado.

O conteúdo desse predicativo está indicado por um adjetivo no genitivo masculino singular (Ἰουδαίου) ligado a um nome próprio no nominativo masculino singular (Ἑλλήνος,) por duas conjunções coordenadas. A primeira (τε) estabelece uma relação, e a segunda (καὶ) tem

<sup>6</sup> O verbo εἰμί traduzido pelo verbo "haver" cria um problema de análise sintática; εἰμί é um verbo de ligação e "haver" é transitivo direto. Assim, "distinção" seria o objeto direto e "entre judeu e grego", o seu complemento nominal.

função meramente aditiva. Recai sobre o judeu e o grego (1Cor 1,24) o sentido de vários pronomes citados antes e depois dessa referência, seja no singular ou no plural.

O segundo período é regido por coordenação, cuja conjunção (γὰρ) está justaposta entre o sujeito e o predicativo do sujeito. O primeiro é formado por um artigo definido no nominativo masculino singular (ὁ) e pelo adjetivo no nominativo masculino singular (αὐτός), seguido do verbo de ligação implícito (εἰμί). O segundo é formado por um substantivo no nominativo masculino singular (κύριος), qualificado por um pronome adjetivo indefinido no genitivo masculino plural (πάντων).

Além desse adjetivo, há um complemento do sujeito formado por dois participípios. O primeiro está no nominativo presente no masculino singular (πλουτῶν) com função predicativa, é seguido por um adjunto adverbial de finalidade formado pela preposição no acusativo (εἰς) e por um pronome adjetivo indefinido no acusativo masculino plural (πάντας). Já o segundo está no acusativo masculino plural (ἐπικαλουμένου), justaposto entre o artigo no acusativo masculino plural (τοὺς), que também funciona como pronome demonstrativo do adjetivo precedente, seguido do pronome pessoal no acusativo masculino singular (αὐτόν), que resgata o sujeito da segunda proposição. Toda essa última sequência funciona como uma oração subordinada adjetiva restritiva.

### *Rm 10,13*

πᾶς γὰρ ὃς	13αα	Todo, porém, que
ἂν ἐπικαλέσῃται τὸ ὄνομα κυρίου	13αβ	tiver invocado o nome do Senhor,
σωθήσεται.	13b	será salvo.

O período é complexo. Em grego, começa com um adjetivo masculino singular (πᾶς), que, ainda sem artigo, assume a função de sujeito do predicado verbal (σωθήσεται). Esta proposição recebe uma complementação formada por uma conjunção coordenada (γὰρ) com função

adversativa, que, por sua vez, antecede uma oração subjuntiva adjetiva restritiva composta de um pronome relativo (ὃς), um verbo no subjuntivo aoristo médio na terceira pessoa do singular (ἐπικαλέσεται), cujo complemento direto é formado por um artigo no acusativo neutro singular (τὸ), e um substantivo no acusativo neutro singular (ὄνομα), que recebe especificação pelo substantivo no genitivo masculino singular (κυρίου).

### *Rm 10,14-15a*

Πῶς οὐκ ἐπικαλέσονται	14αα	Como, então, hão de invocar
εἰς ὃν οὐκ ἐπίστευσαν;	14αβ	em quem não creram?
πῶς δὲ πιστεύσωσιν	14βα	Como, pois, podem crer
οὐκ ἤκουσαν;	14ββ	se não ouviram?
πῶς δὲ ἀκούσωσιν	14αα	Como, pois, podem ouvir
χωρὶς κηρύσσοντος;	14αβ	sem quem anuncie?
πῶς δὲ κηρύξωσιν	15αα	Como, pois, podem anunciar
ἐὰν μὴ ἀποσταλῶσιν;	15αβ	se não forem enviados?

Os vv. 14-15a possuem oito períodos e seguem a mesma lógica interna. São quatro perguntas, cada uma formulada por dois períodos, sendo que o primeiro depende do segundo. O período é iniciado por uma partícula adverbial que funciona como interrogação (πῶς) seguida de uma conjunção coordenada (δὲ), a qual, apenas no primeiro período, difere das demais (οὐκ), servindo para fazer a transição para o novo período em relação aos anteriores.

Após a conjunção, em cada pergunta, no final da proposição no primeiro período, segue-se um verbo no subjuntivo aoristo na terceira pessoa do plural. O primeiro verbo está na voz média (ἐπικαλέσονται), e os demais na voz ativa (πιστεύσωσιν; ἀκούσωσιν; κηρύξωσιν).

A passagem da primeira proposição para a segunda nos seguimentos v. 14αα e v. 14αβ é feita por uma preposição no acusativo (εἰς) seguida de um pronome relativo também no acusativo masculino singular (ὃν), de uma

partícula adverbial com valor de negação (οὐκ) e termina com um verbo no indicativo aoristo ativo na terceira pessoa do singular (ἐπίστευσαν).

A passagem da terceira proposição para a quarta nos seguimentos v. 14ba e v. 14bβ é feita por um pronome relativo no genitivo singular (οὗ) seguido de uma partícula adverbial com valor de negação (οὐκ) e termina com um verbo no indicativo aoristo ativo na terceira pessoa do plural (ἤκουσαν).

A passagem da quinta proposição para a sexta nos seguimentos v. 14ca e v. 14cβ é feita apenas por uma preposição no genitivo (χωρίς) e termina com um verbo no particípio presente ativo no genitivo masculino singular (κηρύσσοντος).

A passagem da sétima proposição para a oitava nos seguimentos v. 15aa e v. 15aβ é feita por uma conjunção subordinada (ἐάν) seguida de uma partícula adverbial com valor de negação (μὴ) e termina com um verbo no subjuntivo aoristo passivo na terceira pessoa do plural (ἀποσταλῶσιν).

Além disso, o verbo, que finaliza a segunda proposição de cada pergunta, reaparece na proposição seguinte, gerando assonância e o devido vínculo entre as ações em cadeia: v. 14bβ (ἐπίστευσαν) ao v. 14ba (πιστεύσωσιν); v. 14bβ (ἤκουσαν) ao v. 14ca (ἀκούσωσιν); v. 14cβ (κηρύσσοντος) ao v. 15aa (κηρύξωσιν).

### *Rm 10,15bc*

καθὼς γέγραπται·	15b	Segundo está escrito:
ὡς ὠραῖοι οἱ πόδες	15ca	Como são belos os pés dos
τῶν εὐαγγελιζομένων [τὰ] ἀγαθὰ.	15cβ	evangelizadores de boas notícias!

Uma conjunção subordinada (καθὼς) e um verbo, respectivamente no perfeito do indicativo passivo na terceira pessoa do singular (γέγραπται), formam um período sem sujeito e sem complemento explícitos, mas

subentendidos: “o que” (possível sujeito) e “na Escritura” (v. 11a), ou “nos profetas”, um adjunto adverbial de lugar, indicando o livro.

Esse período introduz, por subordinação, a última proposição de tipo nominal, com verbo de ligação implícito, formada por uma partícula adverbial (ὥς) e um adjetivo no nominativo masculino plural (ὠραῖοι), o qual qualifica o sujeito, que é composto de um artigo no nominativo masculino plural (οἱ) e um substantivo no nominativo masculino plural (πόδες).

Além disso, esse substantivo é ampliado por uma locução com função de adjunto adnominal restritivo de pessoa, a qual é formada por um artigo no genitivo masculino plural (τῶν) e um verbo no particípio presente médio no genitivo plural (εὐαγγελιζομένων), com valor de substantivo, qualificado por um adjetivo no acusativo neutro plural (ἀγαθὰ).

A título de observação preliminar, uma síntese do pensamento e dos argumentos usados encontra-se no v. 11, feita através das referências ao verbo λέγω (vv. 6aβ.8aα.11a), ao verbo γράφω (vv. 5a.15b) e ao verbo πιστεύω (vv. 9ca.10aβ.11b.14aβ.14ba), bem como ao substantivo πίστις (vv. 6aα.8ca).

## **Rm 10,5-15 à luz da retórica greco-latina**

O uso que Paulo, conscientemente, fez das Escrituras em Rm 10,5-15 é um dos principais recursos retórico-literários que favoreceu e enriqueceu a sua argumentação. Se a sua tese, por um lado, diz respeito à salvação dos judeus mediante a adesão e a confissão de fé de que Jesus de Nazaré é o Cristo, por outro lado essa confissão implica a aceitação de que Jesus é a finalidade/completude da lei mosaica (Rm 10,4). Sem tal adesão, os judeus ficaram cegos para perceber e aceitar que a salvação também se destina aos gentios, pois Jesus é Senhor<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Christopher Rowland (2005, p. 503) afirma que: “A substituição de ‘Jesus Cristo’ por ‘Jesus é Senhor’ não precisa representar um afastamento da política e talvez reflita a necessidade

Há quem tenha sustentado que na Carta aos Romanos, como um todo, esteja presente a retórica greco-latina (ALETTI, 1998, p. 1554) (posição aceita por BRODEUR, 2014, p. 232). Ainda que se reconheça a regra básica de que o conjunto do texto não é igual à mera soma de suas partes, admite-se especificamente que, a partir da análise dos sujeitos gramaticais, o conjunto de Rm 9,1–11,36 constitui um período retórico completo (QUESNEL, 2003, p. 322-324)<sup>8</sup>.

Rm 9,1-5 seria o *exordium*, e Rm 11,33-36 seria o *peroratio*. Entre essas duas partes se encontram três seções caracterizadas por seus sujeitos. A *propositio* atesta que a situação da recusa de Israel, não obstante os seus privilégios, não se deve à infidelidade ou à injustiça atribuídas a Deus, mas se à confirmação das profecias (Rm 9,6-29). A *confirmatio*, que demonstra a relevância da situação, parte de questões que servem para introduzir “as causas” da recusa de Israel (Rm 9,30–10,21). Frente a isso, a *refutatio*, proposta por meio de uma nova pergunta, apresenta as possíveis objeções que poderiam ser levantadas (Rm 11,1-32).

Na primeira seção, Deus é o sujeito dos verbos principais ou o agente dos verbos na voz passiva (Rm 9,6-29). Na segunda seção se encontram vários sujeitos (Rm 9,30–10,21). E na terceira seção, Deus reaparece como sujeito dos verbos principais (Rm 11,1-32). Além da *propositio* primária (Rm 9,6a), existem outras três secundárias (Rm 9,6b; 10,30-31; 11,2a).

Afora dessa proposta, há quem considere e proponha a compreensão de Rm 9,30–10,21, concentrada em três, das cinco, partes da retórica: a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio* (BELLI, 2010, p. 204-328).

---

de um meio mais claro de delineamento sociopolítico daquilo que estava envolvido na participação da comunidade cristã no ambiente greco-romano”.

<sup>8</sup> Apesar dessa constatação, há quem afirme que, à primeira vista, não há, em Rm 9,1–11,36, clareza ou coerência na argumentação paulina, embora se reconheça que esta unidade, do ponto de vista soteriológico, é única no seu gênero pela sua especificidade e amplitude no tocante à relação com os judeus (PENNA, 2007, p. 7-8).

Rm 10,4 é considerado central em Rm 9,30–10,21, pois pode ser, ao mesmo tempo, a conclusão do que precede (Rm 9,30–10,3) e o início do que se segue (Rm 10,5-21). Nesse sentido, Rm 10,4 é o eixo sobre o qual gravita a criação dos argumentos (*inventio*) e o arranjo dos argumentos (*dispositio*). O que foi dito em Rm 9,30–10,3, passando por Rm 10,4, prepara o que se segue em Rm 10,5-21. O estilo retórico usado na argumentação (*elocutio*) evidencia que Rm 9,30–10,21 está esteticamente elaborado para persuadir os destinatários sobre o ponto que, uma vez identificado e reconhecido, passa a definir a sua compreensão da realidade ou o motivo que inspirou o emissor. Este ponto é exatamente o que está afirmado em Rm 10,4.

Rm 9,30–10,3 serve de *exordio*. Por meio deste, Paulo oferece aos seus destinatários, recorrendo às Escrituras, a base da sua argumentação. Nesse sentido, as Escrituras dão a Paulo as lentes para analisar a realidade em uma perspectiva positiva e universal: Deus revelou a sua justiça a fim de oferecer, em Jesus Cristo, a salvação para todos e sem discriminação.

Assim ocorre a passagem do *exordio* para a *propositio* contida em Rm 10,4: Jesus Cristo é a finalidade da lei mosaica. Esta compreensão envolve a subjetiva intenção de Paulo e o efetivo resultado que pretende obter de forma objetiva. Jesus Cristo, segundo essa lógica, é o “escândalo”, isto é, a *pedra de tropeço* em duas direções, pois, tanto pela rejeição dos judeus, como pela aceitação dos gentios, atesta-se que o plano de Deus está sendo concretizado. Essas duas direções justificam a dupla citação de Is 28,16 em Rm 9,32-33 e o que está dito em Rm 10,11.

Da *propositio* se passa à *probatio* (Rm 10,5-17), exposta de forma tríplice:

a) Comparação entre dois tipos de justificação (vv. 5-8), apresentados a partir de dois textos da Torah que, por sua vez, remetem a Moisés, respectivamente Lv 18,5 e Dt 30,12-14;

b) A fé e o seu alcance estão pautados em dois sentidos (vv. 9-13), mas com um único objetivo: ser salvo (vv. 10.13). Enquanto os vv. 9-10 apresentam os meios, os vv. 11-13 indicam o alcance da universalidade: judeu e grego; isto é, para todos sem distinção<sup>9</sup>. Aqui se encontra o banco de prova presente em Is 28,16, tanto para quem aceita a vontade de Deus como para quem se recusa a aceitá-la. Ambos “tropeçam” nessa pedra que é Jesus Cristo;

c) A verificação do processo da fé está pautada na ação evangelizadora (vv. 14-17), pela qual as pessoas têm o contato com o conteúdo da fé, mediante o anúncio da Boa Nova.

Enfim, em Rm 10,18-21 encontra-se a *peroratio*, pela qual Paulo apresenta as rejeições e os obstáculos. Aqui, mira no *exordio* (Rm 9,30–10,3), em função da *propositio* (Rm 10,4). Visto que Israel se fechou e não entendeu o anúncio da Boa Nova (vv. 18-19), os gentios se abriram (v. 20), confirmando a rebeldia dos judeus (v. 21), com base na profecia de Is 65,1-2.

Todavia, e refletindo sobre essas duas propostas, pela delimitação que foi assumida neste estudo (Rm 10,5-15), é possível dizer, quanto à primeira proposta, que a *refutatio* poderia ser mais abrangente (Rm 10,16–11,32), pois Rm 10,16 inicia por uma conjunção coordenada com valor adversativo (ἀλλά). Já com relação à segunda proposta, nota-se que Rm 10,16 reevoca o problema da rejeição dos judeus, o que, também pelo uso da conjunção coordenada (ἀλλά), estaria dando início, aqui, à *peroratio* (Rm 10,16-21).

Por certo, a argumentação usada e sustentada por Paulo em toda a Carta aos Romanos estava pautada na situação concreta da vida e da fé de seus destinatários, bem como nas suas próprias convicções sobre a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Isto pode ser considerado como dado objetivo da fé,

---

<sup>9</sup> Enquanto Rm 10,11-13 atesta um universalismo, Rm 10,14-17 evoca os que acreditam. Se, por um lado, a salvação deriva da fé em Jesus Cristo, independentemente das obras da lei, por outro lado essa salvação é possível porque Deus não revogou as suas promessas para Israel. Isto atesta que a esperança de Paulo estava fundada na certeza de que o fechamento dos judeus ao evangelho não significava o fechamento de Deus aos judeus (PENNA, 2007, p. 14.19-20).

comunicada pelo modo como cada apóstolo passou a viver e a transmitir o conteúdo salvífico da fé, comumente denominado de evangelho.

Para se perceber e entender como o pensamento e a argumentação estão organizados, um ponto de partida deveria ser assumido: Paulo e o seu conhecimento das Escrituras e de Jesus de Nazaré, a quem confessou, com a comunidade apostólica, Cristo e Filho de Deus.

Sobre o conhecimento do conteúdo da fé, Paulo tratou de modo sistemático e coerente, identificando, analisando e avaliando os argumentos a fim de propor o seu pensamento de acordo com um critério assumido como fundamental e decisivo: a revelação dos desígnios de Deus ao longo da história do seu povo, que culminaram na plenitude dos tempos em Jesus Cristo (Gl 4,4; Ef 1,3-14; Cl 1,15-20), cuja finalidade específica é a realização da vontade de Deus, a salvação, entendida não apenas como remissão do pecado e livramento da morte, mas como plena configuração de cada fiel a Jesus Cristo (Fl 2,5-11), mediante o qual, por sua total desfiguração ocorrida na cruz (Is 52,13-53,12), reconfigurou o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27), pois por ele tudo foi feito (Jo 1,1-3).

### **Rm 10,5-15 à luz da retórica semítica**

A argumentação sobre a *justiça saída da lei* e a *justiça saída fé*, presente nos vv. 5-8, e fundamentada em citações da Torah, parece organizada em forma de paralelismo antitético, pois nota-se que se estabelece um contraste, ou uma oposição, entre essas “duas justiças”, bem como nas ações opostas e lugares equidistantes, que, certamente e para a época, podem ser consideradas hiperbólicas: *Quem subirá ao céu? Quem descerá ao abismo?*

Pelas afirmações dos segmentos do v. 6dβ (*fazer Cristo descer*) e do v. 7cβ (*fazer Cristo subir dos mortos*), precedidos pelo pronome demonstrativo em forma de expressão, que se repete nos vv. 6da e 7ca, busca-se completar,

no sentido interpretativo e explicativo, o conteúdo da relação antitética por meio de uma relação que lembra o paralelismo sintético.

Além disso, graças ao v. 8, e pela sequência de palavras-chave que dele se repetem nos vv. 9-10, a argumentação visa alcançar um clímax atestado no v. 9, pelo qual Paulo antecipa e declara a experiência de fé desejada (DEWEY, 1994, p. 117)<sup>10</sup>. Esta afirmação pode ser justificada pelo encadeamento das proposições, permitindo perceber que a ideia está bem-organizada e segue em uma ordem crescente. Já no v. 10 encontra-se, além do paralelismo cruzado dos membros, o recurso do isocólon pela justaposição dos membros de forma equivalente (MASSINELLI, 2015, p. 714, nota 31).

Nota-se, ainda, que no v. 8 ocorre uma anadiplose com a retomada do substantivo *palavra* na segunda proposição e que recebe uma especificação: *palavra de fé*. Outrossim, é estabelecida uma relação entre a posição desta *palavra* quanto ao destinatário e ao emissor: a palavra que está na boca e no coração do destinatário é, segundo a lógica interna, a mesma palavra que saiu do coração pela boca do emissor.

Entre o v. 11 e o v. 12 existe um merismo, pois a locução, com função de sujeito, *todo o que crê* é individuada e expressa por dois grupos de pessoas: *judeu e grego* que, a seguir, voltam a ser identificados pelo adjetivo plural: *todos*.

O recurso ao paralelismo sintético dos vv. 14a-15b está elaborado por anástrofes, pois se percebe a ordem inversa entre os membros que compõem as perguntas: no encadeamento, a última palavra da pergunta se torna a primeira da pergunta sucessiva.

Pelo modo como Paulo apresenta o seu pensamento e desenvolve a sua argumentação, pode-se dizer que Rm 10,5-15 atesta, além da retórica greco-latina, a utilização consciente da retórica literária semítica, que é muito

---

<sup>10</sup> A declaração de Paulo não é um mero floreio retórico (VIA, Jr., 1974, p. 210).

próxima do procedimento midráshico<sup>11</sup>, pelo qual, no conjunto das Escrituras, se busca o(s) sentido(s) e se encontra a sua devida hermenêutica.

Está dito próxima, porque a fé na encarnação, *fazer descer* (Rm 10,6), e na ressurreição-ascensão, *fazer subir* (Rm 10,7), é o fato que deu a Paulo a chave necessária para interpretar Dt 30,12-13, à diferença do que era praticado entre os rabinos que perscrutavam as Escrituras para descobrir nelas um sentido oculto sem a ligação salvífica ou escatológica<sup>12</sup>.

Devido a esse uso retórico-literário, o v. 5, além de fazer a devida moldura com o v. 15, também, em linha de desenvolvimento, relaciona-se com o v. 8b, formando, com este, outra clara justaposição simétrica.

A: Moisés, de fato, descreve a justiça que vem da Lei, porque:

B: O homem, que a pratica, viverá neles.

C: Mas, sobre a justiça, que vem da fé, assim diz [Moisés]<sup>13</sup>:

D: Não digas em teu coração:

E: Quem subirá ao céu?

F: Isto é, fazer Cristo descer!

D': E ainda [= Não digas em teu coração]:

E': Quem descerá ao abismo?

F': Isto é, fazer Cristo subir dos mortos!

C': Mas, o que diz [Moisés]:

B': A Palavra está próxima de ti, na tua boca e no teu coração.

A': Esta é a palavra da fé que anunciamos.

A justaposição simétrica começa, por um lado, com o que Moisés descreve: a *justiça que vem da Lei* (A: v. 5a), e o que dela deriva como exigência para o ser humano: a sua prática (B: v. 5b). Por outro lado, Paulo e

<sup>11</sup> Cf. ACHTEMEIER, 1985, p. 169; FITZMYER, 1999, p. 697-698; PEDERSEN, 2002, p. 12; PITTA, 2001, p. 130; QUESNEL, 2003, p. 331; TOBIN, 2004, p. 343-344; COXHEAD, 2006, p. 305-320; LÉGASSE, 2005, p. 53; OROPEZA, 2007, p. 58-59.

<sup>12</sup> A exegese praticada por Paulo tinha afinidades com a praticada nos ambientes ligados a Qumran: citação de um texto e sua explicação (TREBOLLE BARRERA, 1999, p. 605; NOBILE, 2000, p. 15-23). Rm 10,6-8 se aproxima desse método de leitura e interpretação (FABRIS, 1993, p. 95-96; GRECH, 1998, p. 105-114). Contudo, Rm 9,1-11,36 não deveria, pelo conjunto, ser classificado apenas como *midrash*, pois está ausente um texto que "funcione como um enunciado-mãe" como ocorre em Rm 4, mas se nota uma *coniuncta defensio* de Deus e de Israel à luz do Evangelho (LÓPEZ BARRIO, 2017, p. 84).

seus companheiros, valendo-se do que disse Moisés (B': v. 8b), anunciam a palavra da fé (A': v. 8c)<sup>14</sup>.

Entre essas duas ações, a figura de Moisés é duplamente evocada, subentendida como o sujeito do verbo “dizer” (C: v. 6a – C': v. 8a). Seguem-se duas ações internas, em que a segunda está subentendida (D: v. 6b – D': v. 7a), e introduzem duas perguntas (E: v. 6c – E': v. 7a). Estas permitem a Paulo interpretar e manter o foco na pessoa de Cristo (F: v. 6d – F': v. 7b).

No tocante aos vv. 9-10, também há uma justaposição simétrica (v. 9) e uma espécie de paralelismo cruzado dos membros (v. 10)<sup>15</sup>. Ambos permitem perceber que a sentença conclusiva se encontra nos extremos: na abertura, *Portanto* (A), e no fechamento, *serás salvo* (A'). Essa sentença, por sua vez, está sob condição: “se” (B e B'), ao dado divino (C e C').

A: Portanto (v. 9a),  
 B: Se confessares com a tua boca (v. 9b):  
 C: Senhor é Jesus (v. 9c)  
 B': e [se] creres, em teu coração (v. 9d),  
 C': que Deus o fez sair dos mortos (v. 9e),  
 A': serás salvo! (v. 9f)

<sup>13</sup> Não há motivos para se pensar e aceitar que Paulo estivesse personificando a justiça como sujeito da fala como entendeu Samuel Pérez Millos (2011, p. 772).

<sup>14</sup> O v. 5 e os vv. 6-8, associados, poderiam sugerir um modo de se interpretar o v. 4, a fim de demonstrar, por um lado, como a *justiça pela Lei*, dada por meio de Moisés, é superada na *justiça pela fé* revelada em Jesus Cristo, que veio para levar a cumprimento toda a justiça (Mt 3,15). Ao realizar toda a Lei, Jesus adquiriu os méritos da redenção para toda a humanidade. Com isso, os vv. 5-13 ampliariam a explicação do v. 4. Então, o ser humano, pela fé em Jesus Cristo, entra na dinâmica da justiça que, plenamente, satisfaz a vontade de Deus pela obediência incondicional e irrestrita. Só, assim, o ser humano pode alcançar o *status* de justo diante de Deus (CRANFIELD, 2000, p. 50-51).

<sup>15</sup> Também é possível admitir um quiasmo nos vv. 9-10 de diversos modos: A (v. 9ab); B (v. 9cde); B' (v. 10a); A' (v. 10b), cf. John E. Toews (2004, p. 265); ou: A (v. 9ab); B (v. 9cd); C (v. 9e); B' (v. 10a); A' (v. 10b), cf. Willen Oliver, 2015, p. 1.7-9]. A confissão de fé na frase nominal: *Senhor é Jesus*, contém a sua identidade e, na frase verbal: *serás salvo*, a consequência que deriva da missão de Jesus. Este é o núcleo do kerygma (FUSCO, 1997, p. 82-83).

Para prosseguir com a argumentação retórica, Paulo retomou elementos do v. 9 e os interligou novamente no v. 10. Criou um paralelismo entre boca e coração, justiça e salvação:

A: Com o coração (v. 9d), de fato, se crê para a justiça.

A': Com a boca (v. 9b), porém, se confessa para a salvação (v. 9f).

Aos órgãos (*coração-boca*) foram atribuídas ações correspondentes (*crer... confessar*) em função de finalidades específicas (*para a justiça...para a salvação*).

Quanto aos vv. 11-13, uma nova justaposição simétrica parte do critério de autoridade: *Diz, de fato, a Escritura* (v. 11a) que serve tanto para A como para A':

A: Todo o que crê: não será envergonhado (v. 11b).

B: Não há, de fato, distinção entre judeu e grego (v. 12a),

B': ele mesmo, de fato, é Senhor de todos, rico para todos os que o invocam (v. 12bc).

A': Todo, de fato, que tiver invocado o nome do Senhor: será salvo! (v. 13ab).

A argumentação é desenvolvida a partir de citações proféticas. Paulo usa a primeira parte de Is 28,16a (A) e a liga com a primeira parte de Jl 3,5a (A'). Assim, além de resolver o contraste entre o que diz Lv 18,5 e o uso que fez de Dt 30,12-14, pois Moisés é o mesmo interlocutor para o povo dessas Escrituras, Paulo, tomando certa distância, realiza uma devida atualização (SNODGRASS, 1994, p. 310; GIGNAC, 1999, p. 204-205), pois mostra o que resulta das ações em função dos seus destinatários e do que os acomuna pelo dom da fé: *Não há, de fato, distinção entre judeu e grego* (B), fundamentado no alcance da revelação e da ação, porque *ele mesmo* (Jesus), *de fato, é Senhor de todos* (B').

Como se deu com o v. 10, também o v. 14 está elaborado em forma de paralelismo com inversão dos membros em cadência, pela retomada de

elementos dos vv. 11-13, bem como por meio de perguntas que reforçam o uso e a importância da retórica semítica:

A: Como, então, invocarão em quem não creram? (v. 14a)

A': Como, pois, crerão se não ouvirem? (v. 14b)

B: Como, pois, poderão ouvir sem anunciador? (v. 14c)

B': Como, pois, anunciarão se não foram enviados? (v. 15a)

Se, por um lado, é preciso crer para ser salvo, postura que cada um assume diante da vontade de Deus, realizada em Jesus Cristo; por outro lado, essa mesma salvação depende do que cada um assume em relação aos demais. Se a *boca* e o *coração* denotam a fidelidade que se encontra no íntimo de cada um, essa mesma fidelidade exige que cada um se preocupe em comunicá-la para que outros possam experimentar a potência da justiça da fé que salva.

Enfim, o v. 15 – *Como está escrito: “Como são belos os pés dos evangelizadores de boas notícias”* – além de fazer a moldura com o v. 5, como dito acima, também serve de síntese para as perguntas do v. 14.

Não fica difícil de se perceber o movimento e a lógica interna: do que *Moisés descreve* (v. 5), se passa ao que Paulo anuncia e dirige, por carta aos romanos, como boa notícia: Cristo, em sua humanidade assumida, praticou plena e totalmente a Lei (Mt 5,17), pois é a sua finalidade (Rm 10,4); esta é a palavra da fé anunciada. Por isso, não decepciona o judeu nem o gentio, pois, de ambos, é Senhor (Rm 10,9, confirmado com Jl 3,5).

A sequência estabelecida entre pregação, escuta, fé e invocação do nome do Senhor está em profunda relação com o que, por Moisés e pelos Profetas, está dito nas Escrituras<sup>16</sup>. Estas revelam a vontade de Deus, isto é, o

---

<sup>16</sup> A tripartição bíblica: Torah – Profetas – Escritos, está devidamente presente em Rm 10 com quatro citações da Torah (Lv 18,5; Dt 9,4; 30,12-14; 32,21); com seis citações dos Profetas (Is 28,16; 52,7; 53,1; 65,1.2; Jl 3,5); e com uma dos Escritos (Sl 19,5). A combinação segue de perto a distribuição das leituras ao longo do ano na sinagoga, pelas quais a Torah é relida e explicada sob a ótica histórico-salvífica dos Profetas (Pontifícia Comissão Bíblica, 2019, n. 286-287, p. 263-266). Um problema soteriológico surge, porém, ao se ler Lv 18,5 à

conhecimento que determina o comportamento (*agere sequitur esse*), pois se chega à fé pela audição do Evangelho que traz salvação tanto para o judeu como para o grego.

Resulta, então, que Rm 10,5-15 foi elaborado a partir de vários elementos binários: *justiça saída da lei e justiça saída da fé; céu e abismo; Cristo descer e Cristo subir; boca e coração; crer e confessar; judeu e grego*. Por meio desses elementos, usados como recursos retóricos, os destinatários de Paulo podiam seguir a lógica da sua argumentação e tirar, com mais facilidade, as devidas conclusões.

## Considerações finais

Pelo princípio exegético básico, de que cada texto traduzido e estudado precisa ser devidamente delimitado e determinado, demonstra-se que as diferenças textuais existentes, entre o Texto Massorético Leningradense e a Septuaginta de Dt 30,11-14, não aportam em alguma mudança de sentido. O mesmo resulta da análise das variantes textuais presentes em Rm 10,5-15.

Então, Paulo estava ancorado sobre um texto relativamente coeso, e a sua interpretação não foi arbitrária, pois não só conhecia, como respeitou o contexto veterotestamentário, do qual a citação foi tirada. As relações entre o texto e o seu contexto foram consideradas, bem como a dinâmica da comunicação: *quem fala* (Moisés), *o que se fala* (a relação entre ordem e palavra) e *a quem se fala* (“novo Israel” que nasceu no deserto), a fim de elucidar, pelo uso das Escrituras, o mistério revelado em Jesus Cristo.

No que diz respeito à então exegese rabínica contemporânea, Paulo assumiu que o profeta Jonas se tornou uma prolepse da misericórdia de Deus estendida também aos estrangeiros, como aparece no Targum Neofiti, em

---

luz de Hab 2,4: o justo é justo porque pratica as obras da Lei ou porque vive da fé? Paulo adotou o caminho proposto em Hab 2,4 (SPRINKLE, 2008, p. 138-142).

relação a Moisés, usado como metáfora, para explicar o sentido de Dt 30,12-14. Pela resposta que Jesus deu, citando Jonas, aos que lhe pediram um sinal (Mt 12,39-41; 16,4; Lc 11,29-30.32; Mc 8,11-12 é paralelo, mas não recorreu à figura de Jonas), atesta-se que o mesmo conteúdo se encontra na citação e interpretação de Paulo: *isto é, fazer Cristo subir dos mortos*.

Como Jonas teve que “morrer e ressuscitar” (Jn 1–2), para obedecer e ir pregar aos ninivitas, que se arrependeram (Jn 3–4), Jesus de Nazaré, além de resumir em sua pessoa as figuras de Moisés e Jonas (Torah e Profetas), morrendo e ressuscitando, abriu as portas da salvação para judeus e gentios, porque é a *ordem-palavra* encarnada contida em Dt 30,11-14.

Como os judeus ficaram de fora por não acolher a pregação de Jesus, a mesma rejeição se deu com Paulo no desenvolvimento da sua missão. A resposta de Jesus à falta de fé dos seus compatriotas aparece representada no chamado dos gentios à fé, pois, com a sua vitória sobre a morte, Deus foi plenamente manifestado a todos os povos. Percebe-se que a culpa dos compatriotas de Jesus prosseguiu na hostilidade feita a Paulo e continuou sempre na mesma direção: a rejeição à boa nova que, por sua vez, nega a própria vontade de Deus revelada na Torah e nos Profetas.

Em função da preocupação com a fé dos judeus sobre Dt 30,12-14 existe uma notável diferença no uso que Filão de Alexandria e Paulo fizeram desse texto (DEWEY, 1994, p. 109-127; TAYLOR, 2018, p. 62; BEKKEN, 2007, p. 25-152), em particular porque para Paulo Jesus é o Messias anunciado nas Escrituras. Ao lado disso, percebe-se que a grande contraposição está na divinização da Torah como caminho de salvação para Filão; ao passo que para Paulo está na filiação divina de Jesus como Cristo e Senhor. Contudo, Filão e Paulo trouxeram cada um a seu modo uma real contribuição no tocante à compreensão escatológica de Dt 30,12-14.

O confronto entre as figuras de Moisés e Cristo permite que se perceba a singularidade de Rm 10,5-15 não apenas no tocante a Rm 9,1–11,36, mas em

relação ao conjunto da Carta. Ao lado desse confronto, está a questão do mistério que envolve Israel e a sua salvação. Moisés, apesar da sua inegável importância para as Escrituras e para a tradição judaica, aparece citado nominalmente somente em Rm 5,14; 9,15; 10,5.19.

No tocante às citações do AT presentes em Rm 9,1–11,36, um dado singular ocorre em Rm 10,5-15 que, além de possuir uma alusão e cinco citações, apenas Is 28,16 foi usado uma segunda vez, depois do que fora dito em Rm 9,33. Nota-se que existe um equilíbrio: três referências que provêm da Torah e três dos Profetas.

Uma pessoa, convencida de uma verdade, alcançada pela razão ou pela fé, se empenha para convencer outras pessoas, a fim de que sejam, igualmente, beneficiadas por essa mesma verdade. Talvez, por isso, costuma-se dizer que a verdade que liberta também dói. Há sentido nessa afirmação, pois a experiência que se faz da verdade causa um grande desconforto pessoal, pois relativiza e redimensiona tudo o que até então se acreditava como verdade. Ao mesmo tempo, faz olhar tudo e todos à sua volta a partir da verdade descoberta. É uma luz que brilha nas trevas, mas que as expulsa na medida em que se entra nessa luz. Enquanto se estiver à margem dela, as trevas ainda possuem e dominam as pessoas no erro e na ignorância.

No tocante à tradução dos escritos paulinos, uma regra básica pode ser assumida: a linguística, com a sua infraestrutura semântica da argumentação integrada à língua, no caso o grego koiné, está devidamente relacionada em modo discursivo ao interesse e ao uso da infraestrutura pragmática, como acontece na retórica literária.

O argumento tratado em Rm não é autobiográfico ou pessoal, mas é amplo e diz respeito a todos os destinatários. Nesse sentido, o emissor não fica isento do próprio conteúdo tratado: a salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo é a Boa Nova, isto é, a justiça de Deus para todo o que crê e, com fé, se abre para recebê-la.

Disso nasce a dor do emissor, pois os judeus, embora fossem os primeiros na ordem da salvação, devido às promessas, passaram ao último lugar porque se fecharam ao Evangelho. Assim, arriscam perder o *kairós* de Deus. Ao lado dessa questão, está a intenção do emissor: “demonstrar a natureza, as implicações e as exigências do evangelho cristão em perspectiva universalista” (PENNA, 2003, p. 84).

Rm 14,15 traz uma recomendação que se aplica aos étnico-cristãos. É possível pensar que os judeu-cristãos fossem minoria nas comunidades cristãs de Roma, razão pela qual não existe o conflito com os judaizantes. Se para acreditar não é preciso ser justo, para ser justo é preciso crer. Rm 10,5-15 é uma mensagem adequada para os inadequados segundo os parâmetros de uma comunidade que se fechou no rigor da Lei (LESTER, 1996, p. 290).

O recurso ao livro de Atos é singular e pertinente para a compreensão de Rm 10,5-15, pois permite estabelecer um arco temporal que vai desde os inícios da dedicação de Paulo à evangelização, pela missão, até a sua chegada e permanência, como prisioneiro domiciliar, em Roma. Assim, dois pontos foram devidamente integrados: missão e desejo de ir a Roma para estar e se alegrar na presença dos irmãos em Cristo (Rm 15,23-24).

Portanto, segundo a lógica da narrativa do livro de Deuteronômio, Deus não faliu porque o antigo Israel se rebelou e não quis entrar e tomar posse de Canaã. A consequência da desobediência foi o dom da terra para o “novo Israel”, que nasceu no deserto. De igual modo, Deus não faliu porque os líderes e o povo desobedeceram às suas leis e vieram a destruição de Jerusalém e o desterro do povo em Babilônia.

Por essa lógica, segundo o pensamento de Paulo, Deus não faliu se os judeus se fecharam ao Evangelho, mas, ao contrário, foi uma manifestação da sua vontade para que os gentios viessem à fé e pudessem, a seu tempo, serem uma ocasião para fazer os judeus refletirem sobre os desígnios salvíficos de Deus a favor da humanidade em Jesus Cristo.

Por esse percurso, pode-se concluir que o trabalho de tradução, feito por um perito em exegese ou teologia bíblica, não exime da atenção e das análises semânticas e sintático-gramatical, sem as quais o resultado poderia não condizer, de forma coerente, com a proposta e a mensagem existentes na intenção e no uso da língua original em que o texto foi escrito.

## Referências

ACHTEMEIER, P. J. *Romans*. Atlanta: John Knox, 1985.

ALETTI, J-N. “Romans”. In: W. R. FARMER (ed.). *The International Biblical Commentary. A Catholic Commentary for the Twenty-First Century*. Collegeville: Liturgical Press, 1998. p. 1553-1600.

BEKKEN, P. J. *The Word is Near You. A Study of Deuteronomy 30:12-14 in Paul’s Letter to the Romans in a Jewish Context*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2007.

BELLI, F. *Argumentation and Use of Scripture in Romans 9–11*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2010.

BRODEUR, S. N. *Il cuore di Cristo è il cuore di Paolo. Studio introduttivo esegetico-teologico delle lettere paoline*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.

COXHEAD, S. R. “Deuteronomy 30:11-14 as a prophecy of the new covenant in Christ”. *Westminster Theological Journal*, Glenside, PA, v. 68, n. 2, 305-320, 2006.

CRANFIELD, C. E. B. *La Lettera di Paolo ai Romani (capitoli 9–16)*. Torino: Claudiana 2000.

DEWEY, A. J. “A Re-Hearing of Romans 10,1-15”. *Semeia*, v. 65, p. 109-127, 1994.

FABRIS, R. “La Scrittura in Paolo e nelle comunità paoline”. In: NORELLI, E. (curatore). *La Bibbia nell’Antichità Cristiana. I. Da Gesù a Origine*. Bologna: EDB, 1993. p. 87-103.

FITZMYER, J. A. *Lettera ai Romani. Commentario crítico-teológico*. Casale Monferrato: Piemme, 1999.

FUSCO, V. *Le prime comunità Cristiane. Tradizioni e tendenze nel cristianesimo delle origini*. Bologna: EDB, 1997.

GIGNAC, A. *Juifs et Chrétiens à l’école de Paul de Tarse*. Montréal: Médiaspaul, 1999.

GRECH, P. “Il retroscena di Rom 10,5-13 e il discorso di Antiochia”. In: PADOVESE, L. (a cura di). *Atti del V Simposio di Tarso su S. Paolo Apostolo*. Roma: Laurentianum, 1998. p. 105-114.

LÉGASSE, S. *Pablo Apóstol. Ensayo de biografía crítica*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2005.

LESTER, K. P. Romans 10:5-15. *Interpretation*, Charlotte, NC, v. 50, n. 3, p. 288-292, 1996.

LÓPEZ BARRIO, M. “Il giusto vivrà mediante la fede”. *L’AT nella lettera ai Romani*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2017.

MASSINELLI, G. “Christ and the Law in Romans 10:4”. *The Catholic Biblical Quarterly*, Baltimore, MD, v. 77, n. 4, p. 707-726, 2015.

NESTLÈ-ALAND. *Novum Testamentum Graece*, 28. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

NOBILE, M. “Alcune note attorno alla questione del rapporto tra Paolo e Qumran nel quadro storico-culturale e religioso dell’epoca”. In: PADOVESE, L. (a cura di). *Atti del VI Simposio di Tarso su S. Paolo Apostolo*. Roma: Laurentianum, 2000. p. 15-23.

OLIVER, W. “Romans 10,5-13 revisited”. *Theological Studies*, United States/Canada, v. 71, n. 3, p. 11-12, 2015.

OROPEZA, B. J. “Paul and Theodicy: Intertextual Thoughts on God’s Justice and Faithfulness to Israel in Romans 9–11”. *New Testament Studies*, Cambridge Core, v. 53, n. 1, p. 57-80, 2007.

PEDERSEN, S. “Paul's Understanding of the Biblical Law”. *Novum Testamentum*, Leiden, v. 44, n. 1, p. 1-34, 2002.

PENNA, R. “La questione della *dispositio rhetorica* nella lettera di Paolo ai Romani: confronto con la lettera 7 di Platone e la lettera 95 di Seneca”. *Biblica*, Italia, v. 84, n. 1, p. 61-68, 2003.

PENNA, R. “Paolo e Israele. Riflessioni in margine all’argomentazione di Rom 9–11”. In: Luigi PADOVESE (a cura di). *Atti del X Simposio di Tarso su S. Paolo Apostolo*. Roma: Laurentianum, 2007. p. 7-20.

PÉREZ MILLOS, S. *Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento (Romanos)*. España, 2011.

PRIDIK, K-H. “γάρ gar porque, a saber, portanto”. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (eds.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento (I)*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005. p. 716-718.

PRIDIK, K-H. “ὅτι”. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (eds.). *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento (I)*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005. columnas 617-618.

PONTIFICIA COMISSÃO BÍBLICA. *Che cosa è l’uomo. Un itinerario di antropologia bíblica*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

QUESNEL, M. “La figure de Moïse en Romains 9–11”. *New Testament Studies*, Cambridge Core, v. 49, n. 3, p. 321-335, 2003.

ROWLAND, C. “Cristo no Novo Testamento”. In: DAY, J. (org.). *Rei e Messias. Em Israel e no Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 491-514.

SNODGRASS, K. “The Gospel in Romans: A Theology of Revelation”. In: LONGENECKER, R. N. *Gospel in Paul. Studies on Corinthians, Galatians and Roman*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994. p. 288-314.

SPRINKLE, P. M. *Law and Live. The Interpretation of Leviticus 18:5 in Early Judaism and in Paul*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.

TAYLOR, J. E. P. “Paul: A New Moses for a New Covenant Obedience”. *Churchman*, London, v. 132, n. 1, p. 51-69, 2018.

TOBIN, T. H. *Paul’s Rhetoric in its contexts. The argument of Romans*. Peabody (Massachusetts): Hendrickson Publishers, 2004.

TOEWS, J. E. *Romans*. Scottdale-Waterloo: Herald Press, 2004.

TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e A Bíblia Cristã. Introdução à história da Bíblia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

VANNI, U. “Salvezza giudaica, salvezza greca, salvezza paolina”. PADOVESE, L. (a cura di). *Atti del II Simposio di Tarso su S. Paolo Apostolo*. Roma: Laurentianum, 1994. p. 29-41.

RECEBIDO: 28/05/2022  
APROVADO: 21/06/2022

RECEIVED: 06/21/2022  
APPROVED: 06/21/2022